



Voluntariado em Operações Humanitárias: Os Motivadores de Estudantes Brasileiros

Priscila Bresolin Tisott, Deise Taiana de Ávila Dias, Vilmar Antonio Gonçalves Tondolo,
Maria Emilia Camargo, Rosana da Rosa Portella Tondolo

RESUMO

As operações humanitárias têm atraído o interesse da academia e das organizações visto o número elevado na ocorrência de desastres naturais ou produzidos pelo homem. Nesse contexto, este estudo teve por objetivo identificar a percepção dos estudantes acerca da motivação para o voluntariado em Operações Humanitárias e Situações Críticas. Para tanto, utilizou-se de uma pesquisa descritiva quantitativa, realizada com 253 alunos de uma Universidade privada do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Como técnica de análise dos dados foi utilizada a análise fatorial. As principais contribuições do estudo são a validação de conteúdo e empírica do instrumento de coleta de dados e a constatação de que os principais motivadores para atuação voluntária nas operações humanitárias estão conectados aos objetivos altruístas e preocupações humanitárias, além dos ganhos de carreira, fatores sociais e de autorrealização.

Palavras-chave: Operações humanitárias; Motivação; Voluntariado.

1 INTRODUÇÃO

As operações humanitárias constituem um campo de estudo relativamente novo, que compreende as atividades relativas à entrega de ajuda humanitária em casos de catástrofes, sendo elas naturais ou causadas pelo homem (KOVÁCS; SPENS 2007, 2011; VAN WASSENHOVE, 2006). Assim, mediante a ocorrência de desastres em uma determinada comunidade, as operações humanitárias terão como finalidade a aquisição e entrega dos suprimentos e serviços solicitados, tais como alimentos, água, abrigo temporário e medicina, entre outros, buscando a sobrevivência humana (MASKREY, 1993).

A importância deste campo de estudo reside no fato de que os desastres têm ocorrido com maior frequência nos últimos anos, e, a exemplo dos tsunamis ocorridos no Oceano Índico em 2004 e do terremoto ocorrido no Haiti em 2010, não há preparação suficiente no que diz respeito à entrega de ajuda humanitária, sobretudo em locais distantes e com pouca estrutura (ALTAY; GREEN III, 2006). Ademais, de acordo com Thomas e Kopczak (2005), a previsão para os próximos 50 anos é de que o número de desastres naturais e provocados pelo homem aumentará em cerca de cinco vezes, o que fomentará ainda mais o interesse acerca do assunto.

O Brasil, apesar de ter ostentado por anos o título de um país isento de desastres - visto a não ocorrência de furacões, maremotos e erupções vulcânicas (BATAGLIN; ALEM, 2014) constitui, na atualidade, um dos dez países com maior número de ocorrências de desastres naturais do mundo, de acordo com o Centro Universitário de Estudos e Pesquisas Sobre Desastres – CEPED da Universidade Federal de Santa Catarina (2013). As enchentes e secas, ocorridas em diversas regiões do país, somados à ocorrência extraordinária de furacões ou ciclones tropicais e aliados às epidemias e aos desastres causados pelo homem, como grandes incêndios, tem desmistificado a ideia de que o país não necessita de investimentos na área de operações humanitárias (BATAGLIN; ALEM, 2014). Apesar dessa importância crescente, contudo, poucos são os estudos referentes à área de operações humanitárias no âmbito da Gestão de Operações que levam em consideração os desastres ocorridos no Brasil, o que apresenta uma importante lacuna de pesquisa na área.

O *World Disaster Report*, o qual foi publicado em 2015 apresenta outra lacuna importante de pesquisa na área, que é relativa ao papel dos atores locais nas ajudas



humanitárias. De acordo com o documento os atores locais, geralmente voluntários, são os primeiros a responder ao desastre e a sua efetividade vai além da proximidade, pois eles possuem uma perspectiva diferenciada da comunidade e das pessoas atingidas pela catástrofe. Contudo, a importância dos voluntários ainda não é valorizada quanto se trata das operações humanitárias (INTERNATIONAL FEDERATION OF RED CROSS AND RED CRESCENT SOCIETIES, 2015). Em adição a isso, uma pesquisa realizada na Base de Dados Scopus no ano de 2016, que buscava a identificação de estudos relacionados à motivação para o voluntariado em operações humanitárias não retornou resultados, o que evidenciou a necessidade de estudar este tema.

Desta forma, o objetivo deste estudo foi identificar a percepção dos estudantes acerca da motivação para o voluntariado em Operações Humanitárias e Situações Críticas. Para tanto, utilizou-se de uma pesquisa descritiva quantitativa, realizada com 253 alunos de uma Universidade privada do interior do Estado do Rio Grande do Sul. A escolha da população alvo do estudo se deu pelo fato de que de acordo com Souza e Costa (2013), o Brasil é reconhecido pela ONU como um país que incentiva a cultura do voluntariado no ambiente escolar, apresentando um trabalho consistente no que diz respeito à difusão das formas de voluntariado. Assim, torna-se relevante analisar a percepção do jovem no próprio ambiente escolar, ainda que de nível superior.

Além dessa seção introdutória, o artigo apresenta o referencial teórico acerca de operações humanitárias e motivação para o voluntariado. Logo após, são descritos os procedimentos metodológicos, seguidos pela apresentação e análise dos resultados e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 OPERAÇÕES HUMANITÁRIAS E SITUAÇÕES CRÍTICAS

As operações humanitárias ou operações de logística humanística se caracterizam por de situações catastróficas, nas quais as vítimas necessitam de diferenciados tipos de assistência (água, alimentos, medicamentos, cuidados especializados, entre outros). Dentre estas catástrofes estão os desastres naturais - como furacões, terremotos, inundações, avalanches, incêndios, erupções vulcânicas, tsunamis – e também as situações criadas pelo homem, como atos terroristas, genocídios, guerras e conflitos, extrema pobreza e fome, pandemias e epidemias (KOVÁCS; SPENS, 2007; SMALLMAN, 1997; VAN WASSENHOVE, 2006). Estas situações exigem que se estabeleçam processos e sistemas que envolvam a mobilização de pessoas, recursos, habilidades e conhecimentos, com o intuito de auxiliar as vítimas do desastre (VAN WASSENHOVE, 2006).

Tais operações são, a cada dia, mais necessárias, visto o aumento na ocorrência de desastres naturais ou criados pelo homem. Em 1997 uma pesquisa realizada a partir da base de dados *Reuters Business Briefing* (RBB) identificou um aumento de 73% na ocorrência de desastres humanitários, entre os anos de 1992 e 1995. Neste mesmo período, o número de pessoas mortas em virtude destes tipos de catástrofe aumentou em cerca de 50%, sendo que a maioria dos desastres ocorreu na região compreendida entre os Trópicos de Câncer e Capricórnio, uma região onde há um grande número de países subdesenvolvidos que, reconhecidamente, não possuem estrutura suficiente para lidar com situações catastróficas (SMALLMAN, 1997). Anos mais tarde, a ocorrência dos tsunamis no Oceano Índico em 2004 e do terremoto no Haiti em 2010 reacenderam o interesse pelo tema das operações humanitárias, em virtude das dificuldades encontradas na assistência às vítimas destes desastres (ALTAY; GREEN III, 2006; KOVÁCS; SPENS, 2007).



2.2 TIPOS DE DESASTRES HUMANITÁRIOS

As operações humanitárias constituem um campo de estudo novo e, portanto, existe pouco consenso na literatura acerca dos conceitos que a compõem (VALENCIO, 2010). No que diz respeito aos tipos de desastres ou catástrofes humanitárias, é preciso entender que não se tratam somente dos desastres naturais, mas também de uma série de aspectos políticos, de saúde, emergências complexas, guerras e outros (KOVÁCS; SPENS, 2007, 2011). Aliás, somente cerca de três por cento dos desastres ocorridos podem ser atribuídos a causas naturais (VAN WASSENHOVE, 2006).

Para que se entenda o conceito de desastre natural, é preciso, em primeiro lugar, conceituar um fenômeno natural. De acordo com Romero e Maskrey (1993), o fenômeno natural é toda a manifestação da natureza. Existem alguns que acontecem com certa regularidade (chuvas nos meses de verão na serra, etc.) e outros de aparição extraordinária e surpreendente (terremotos, maremotos, etc.). Contudo, a ocorrência de um fenômeno natural, seja ele ordinário ou extraordinário não necessariamente provoca um desastre natural, e deve ser considerado como um elemento ativo da geomorfologia terrestre, ainda que uma chuva torrencial, por exemplo, cause erosões ou sedimentações e modifique a morfologia terrestre.

O desastre natural compreende, desta forma, a correlação entre fenômenos naturais perigosos (como um terremoto, furacão ou maremoto, por exemplo) e determinadas condições socioeconômicas e físicas vulneráveis (como uma situação econômica precária, moradias mal construídas, tipo de solo instável e outros). Ou seja, um desastre natural somente ocorrerá na ocorrência de um ou mais fenômenos naturais em situações vulneráveis (ROMERO; MASKREY, 1993). Assim, para fins das pesquisas em operações humanitárias, entende-se por desastre natural a ocorrência de terremotos, avalanches, furacões, enchentes, secas, incêndios, erupções vulcânicas, maremotos, tsunamis e outros fenômenos naturais que causem estragos e danos intensos em virtude das condições nas quais ocorrem (KOVÁCS; SPENS, 2007, 2011; VAN WASSENHOVE, 2006).

Em se tratando dos aspectos políticos, de saúde, emergências complexas, guerras e outros que podem levar à uma catástrofe, encontram-se inúmeras atividades que, para alguns autores, podem ser tratadas como desastres causados pelo homem (THOMAS; KOPCZAK, 2005). Dentre estes, pode-se citar os genocídios, a exemplo do ocorrido em Ruanda em 1994/1995. De acordo com o Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa (2016) genocídio pode ser considerado como um delito contra a humanidade, definido pela ONU. Consiste no emprego deliberado da força, visando ao extermínio ou à desintegração de grupos humanos, por motivos diversos (KOVÁCS; SPENS, 2011). Além disso, pode-se citar as guerras, conflitos ou revoluções; atos terroristas; pandemias e epidemias; extrema pobreza, desnutrição e fome; e acidentes nucleares ou químicos (KOVÁCS; SPENS, 2007, 2011).

2.3 MOTIVAÇÃO PARA O VOLUNTARIADO

O conceito de motivação não possui uma definição exata, visto a grande quantidade de teorias concorrentes no que tange ao assunto (SAMPAIO, 2004). Para Maslow (1954), o indivíduo é um todo integrado e organizado e, portanto, a motivação parte da pessoa como um todo. O autor classificou as necessidades humanas em: (i) necessidades fisiológicas; (ii) necessidades de segurança; (iii) necessidades de pertencimento e amor; (iv) necessidades de estima; (v) necessidades de auto-realização ou auto-atualização; (vi) desejos de saber e entender e; (vii) necessidades estéticas.

Em se tratando de uma teoria hierárquica, seria preciso que uma necessidade fosse suprida para que a busca pela outra se seguisse, contudo, Maslow (1954) também admitia a



ideia da múltipla motivação. Apesar da aceitação inicial da teoria, contudo, muitos autores posteriores se propuseram a fazer pesquisas empíricas sobre a teoria das necessidades e a maioria não encontrou resultados que a sustentassem (SAMPAIO, 2004).

Já McClelland (1955) apoiou seu conceito de motivação no modelo da emergência dos afetos, definindo-a como uma forte associação afetiva, que leva a uma reação objetiva e se baseia em associações passadas de sinais como o prazer ou a dor. Por outro lado, para Nuttin (1980), a motivação pode ser vista como uma função dinâmica geral, que envolve a ativação e a direção de um comportamento e não se caracteriza como interna ou externa, mas sim recíproca. Nuttin (1980) acredita, como Maslow, que o ser humano necessita de explicação e progresso tanto quanto necessita de oxigênio.

No que diz respeito à motivação para o voluntariado existe uma série de motivos que são aceitos atualmente, tais como preocupações altruístas e humanitárias com relação aos outros; a vontade de oferecer ajuda; a necessidade de satisfazer a si mesmo ou o comprometimento com uma organização (LAFER, 1989; BOEZEMAN; ELLEMERS, 2008; OKUN; SCHULTZ, 2003). Para Schlinder-Rainman (1980) o principal fator de motivação para voluntários é a oportunidade de participar da solução de problemas e, para aumentar a motivação, as oportunidades dos voluntários devem possibilitar o desenvolvimento da auto realização pessoal e o serviço significativo para as necessidades dos outros.

Para Clary et al. (1998), a resposta para a questão do que motiva uma pessoa a ser voluntária pode ser entendida por meio da compreensão dos processos nos domínios de atitude e persuasão, cognição social, relações sociais e personalidade. Assim, por meio de uma série de testes empíricos, Clary et al. (1998) projetaram um instrumento com seis funções motivacionais a fim de avaliar a motivação dos voluntários. Estes seis fatores seriam: (i) valores; (ii) entendimento; (iii) social; (iv) melhoria; (v) ganhos de carreira e; (vi) proteção. O Quadro 1 apresenta uma breve explicação de cada um dos fatores.

Quadro 1 - Fatores para motivação dos voluntários

Fator	Explicação
Valores	Buscar oportunidades que requeiram ações relacionadas ao altruísmo e preocupações humanitárias
Entendimento	Ganhar experiência para adquirir novas habilidades e utilizá-las no mundo real
Social	Fortalecer relações sociais
Melhoria	Interesse em crescimento psicológico para aumento de auto-estima
Ganhos de Carreira	Experiências relativas ao desenvolvimento profissional
Proteção	Superar sentimentos negativos e escapar de problemas pessoais.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Clary et al. (1998).

No que diz respeito às operações humanitárias, é preciso entender que a ação voluntária torna-se de extrema importância, visto que a forma mais adequada para lidar com a complexidade crescente dos desastres é uma ação em rede, onde são integradas as instituições governamentais, não governamentais, setor privado e os cidadãos. O compartilhamento transtorial de distintas visões de um mesmo problema pode trazer lições importantes para incrementar os recursos necessários na prevenção, preparação e, se for o caso, reconstrução de comunidades afetadas (BATAGLIN; ALEM, 2014).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo pode ser definido como uma pesquisa descritiva de natureza quantitativa. Collis e Hussey (2005) enfatizam que a pesquisa descritiva é aquela que apresenta o comportamento dos fenômenos. De acordo com os autores, é utilizada para identificar e obter informações relacionadas às características de um determinado problema ou indagação.



Esta pesquisa teve por objetivo identificar a percepção dos estudantes acerca da motivação para o voluntariado em Operações Humanitárias e Situações Críticas. Para tanto, foi aplicado um questionário para 253 estudantes dos cursos de Administração, Agronomia, Ciências Contábeis, Comércio Internacional, Economia, Engenharia Automotiva, Engenharia Mecânica, Gestão Comercial e Processos Gerenciais de uma Universidade com atuação regional no sul do Brasil. A escolha da amostra foi aleatória, ou seja, foram considerados os estudantes presentes nas salas de aula escolhidas e que aceitaram participar da pesquisa.

O questionário foi construído pelos autores do estudo, partindo-se de uma adaptação dos instrumentos de Güntert, Neufeind e Wehner (2014) e Mascarenhas, Zambaldi e Varela (2013) e validado por dois especialistas. Assim, foi realizada a validade de conteúdo ou *face validity*, a qual envolve a consulta a uma pequena amostra de respondentes especialistas para julgar o grau de correspondência entre os itens selecionados para constituir uma escala múltipla e sua definição conceitual (Hair Jr. et al. 2009). O instrumento era constituído por 43 questões de múltipla escolha ou questões abertas, sendo que as primeiras 14 questões deveriam ser respondidas por todos os respondentes e as demais deveriam seguir a orientação da pergunta condicional.

A questão condicional, de número 14, pretendia identificar os respondentes que houvessem realizado algum tipo de doação voltada às Operações Humanitárias e Situações Críticas. Mediante afirmação positiva com relação à doação de tempo, ações técnicas profissionais, alimentos e água, medicamentos ou objetos que não são mais utilizados os respondentes deveriam responder o bloco de questões de 15 a 39, o qual tinha a intenção de identificar a motivação das pessoas para atuar em ações voluntárias. Caso a resposta à questão de número 14 fosse negativa, o respondente deveria responder somente a partir da questão de número 40. O instrumento de coleta de dados pode ser visualizado no Apêndice A.

Para uma correta aplicação das técnicas de análise multivariada duas categorias de análise dos dados brutos foram indicadas: (i) o estudo de casos específicos por meio dos dados perdidos ou valores ausentes (*missing data* ou *missing values*) e das observações atípicas (*outliers*); (ii) estudos relacionados à distribuição dos dados e relacionamento entre as variáveis realizados por meio das análises de normalidade, multicolinearidade, linearidade e homoscedasticidade dos dados (HAIR Jr. et al., 2009). Após a preparação dos dados, foi utilizada a técnica de análise fatorial para análise destes.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta investigação, com auxílio do *software* Microsoft Office Excel® 2010 foram aplicados os testes para identificação dos dados perdidos, logo, foi possível confirmar que a pesquisa não apresentou dados perdidos. Por conseguinte, nenhum respondente foi excluído da amostra. Para identificação das observações atípicas, observou-se sob uma perspectiva de detecção univariada (HAIR Jr. et al., 2009). Nesta etapa, a amostra deste estudo foi dividida em duas fases, perfazendo o n total de 253 para primeira fase e n total de 117 para segunda fase. Esse procedimento foi realizado em virtude de a variável de número 14 constituir uma resposta condicional. Caso a resposta fosse “sim” para esta questão, o entrevistado deveria responder as questões de número 15 a 39. Contudo, se a resposta fosse “não” o ele deveria responder somente a partir da questão de número 40.

Para ambas as fases cada variável foi decomposta em escore padrão, ou seja, *Z scores*, possibilitando que fosse eliminado o viés proveniente das diferenças de escalas (FÁVERO et al., 2009) e, posteriormente, identificadas em cada variável os valores superiores a $|3|$ (HAIR Jr. et al., 2009; RODRIGUES; PAULO, 2009). Dessa forma, foi com base nos resultados dos testes univariados que nesta investigação optou-se pela exclusão de alguns casos. Na fase 01,



foram excluídos os casos: 72, 76, 144, 156, 184 e 231. Na fase 02, foram excluídos os casos: 7, 20, 28, 58, 70, 73, 78, 93, 98 e 110. A exclusão se deu pelo fato de que estes apresentam valores padronizados superiores a |3|.

Sendo assim, na Fase 01 foram excluídos seis casos (2,37%) e a amostra resultou em $n = 247$. Já na Fase 02 foram excluídos 10 casos (8,55%) e a amostra resultou em $n = 107$. Estes casos citados foram submetidos aos testes das suposições de análise multivariada, apresentadas a seguir.

A análise multivariada permite investigar e evidenciar relações, semelhanças e diferenças entre todas as variáveis envolvidas (STEINER, 1995). Para Hair Jr. et al. (2009) e Kline (2011), quatro suposições devem ser compreendidas, sendo que estão relacionadas com a técnica estatística univariada e multivariada, que são: (i) normalidade; (ii) homoscedasticidade; (iii) linearidade; e (iv) multicolinearidade. Foi com o auxílio dos *softwares* estatísticos, Microsoft Office Excel® 2010, *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS® 20) que os testes foram aplicados, os quais estão apresentados nas próximas subseções.

Para analisar a normalidade, este estudo teve como base os valores de assimetria e curtose resultantes da estatística descritiva. A regra utilizada foi a indicada na literatura por Kline (2011), a qual corresponde às variáveis com valores absolutos de assimetria (*skewness*), ou seja, valores superiores a |3| são interpretados como intensamente assimétricos. Para a curtose (*kurtosis*), o autor destaca que valores acima de |10| podem indicar algum problema. Com base nos valores de *Skewness* e *Kurtosis*, oriundos da estatística descritiva, identificaram-se os valores de *Skewness* para a Fase 01: o menor valor foi de -1,077 e o maior valor foi de 2,944. Na Fase 02 o menor valor identificado foi de -2,819 e o maior valor foi de 0,338. Para a *kurtosis* os valores para Fase 01 foram: o menor valor foi de -1,964 e o maior valor foi de 10,953. E para Fase 02: o menor valor foi de 2,188 e o maior valor foi de 14,956.

Com os resultados alcançados cabe ressaltar que na Fase 01, mediante os valores de *Kurtosis* pode-se perceber que a variável 11 (10,953) excede o valor indicado pela literatura e ao observar a Fase 02, a *Kurtosis* da variável 39 (14,956) também excede o valor indicado. Contudo, como há embasamento da validade de conteúdo para as duas variáveis, neste estudo optou-se por não excluí-las e proceder com os demais testes.

A homoscedasticidade está relacionada ao pressuposto de que as variáveis dependentes apresentam níveis semelhantes de variância, no decorrer do domínio das variáveis preditoras. Por este motivo é necessário a aplicação dos testes estatísticos, os quais contribuem na avaliação da igualdade de variâncias, dentro dos grupos compostos por variáveis não métricas. Neste estudo foi utilizado teste de *Levene*, o qual tem o objetivo de avaliar se as variâncias de uma única variável métrica oferecem igualdade em qualquer número de grupos (HAIR Jr. et al., 2009).

A aplicação do teste de Levene para Fase 01 está relacionada com as variáveis categóricas: gênero, quantas horas trabalha por semana e conhece alguém que pratique ações voluntárias, como variáveis independentes. Para este teste, as três variáveis citadas (as independentes) são comparadas com as variáveis métricas (as dependentes). Com base nesta análise, percebeu-se que na Fase 01 as variáveis 11 e 12 apresentaram níveis de significância inferiores a 0,050 quando verificada a dispersão de variância das variáveis não-métricas ou categóricas. Já na Fase 02 nenhuma variável foi identificada como problemática.

Todavia, na aplicação do teste de Levene as variáveis 11 e 12 apresentaram níveis de significância inferiores a 0,050, porém nesta etapa da pesquisa optou-se por não excluí-las, procedendo com os demais testes. Esta decisão deu-se com base nos estudos de Hair Jr. et al. (2009), nos quais os autores dizem que a relativa ausência de problemas ou de padrões sólidos ao longo de cada variável métrica, poderão influenciar em mínimas implicações.



O teste de linearidade pode ser utilizado para expressar o conceito que um determinado modelo possui propriedades de aditividade e homogeneidade. Assim, os modelos lineares preveem valores que recaem em uma linha reta (HAIR Jr. et al., 2009; RODRIGUES; PAULO, 2009). Uma das maneiras de verificar a linearidade é analisar diagramas de dispersão das variáveis e apontar padrões não lineares nos dados. Mediante um gráfico, o pesquisador pode identificar características não lineares da sua pesquisa. A análise destes gráficos mostrou a linearidade dos dados para ambas as fases da pesquisa.

Por fim, o objetivo da multicolinearidade é examinar a amplitude pela qual uma variável pode ser justificada por outras na análise, logo, está se referindo ao grau em que qualquer efeito de uma variável pode ser prognosticado ou explicado por outras variáveis. A condição principal é ter as variáveis independentes altamente correlacionadas com a variável dependente, entretanto, com pouca intercorrelação entre elas (KLINE, 2011).

Os autores Hair Jr. et al. (2009) e Gujarati (2000) indicam que é necessária a aplicação dos testes como Valor de Tolerância e Fator de Inflação da Variância (VIF – *Variance Inflation Factor*). Estes testes são indicados pela literatura porque ambos permitem constatar a multicolinearidade entre as variáveis. Hair Jr. et al. (2009) e Gujarati (2000) indicam também a seguinte regra para o valor de Tolerância: até $|1|$ sem multicolinearidade; de $|0,10|$ até $|1|$ com multicolinearidade aceitável; abaixo de $|0,10|$ com multicolinearidade problemática. Para o Fator de Inflação da Variância (VIF – *Variance Inflation Factor*), a regra é: até $|1|$ sem multicolinearidade; de $|1|$ até $|10|$ com multicolinearidade aceitável; acima de $|10|$ com multicolinearidade problemática (HAIR Jr. et al., 2009; GUJARATI, 2000).

Mediante a aplicação destes testes, não foram identificados problemas de multicolinearidade. Observou-se que o grau de tolerância para a Fase 01 está entre 0,41 e 1,00. Para a Fase 02 está entre 0,30 e 0,76. Na verificação do Fator de Inflação da Variância os valores, para a Fase 01 os valores estão entre 1,00 e 2,42. Para a Fase 02 os valores estão entre 1,32 e 3,39.

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

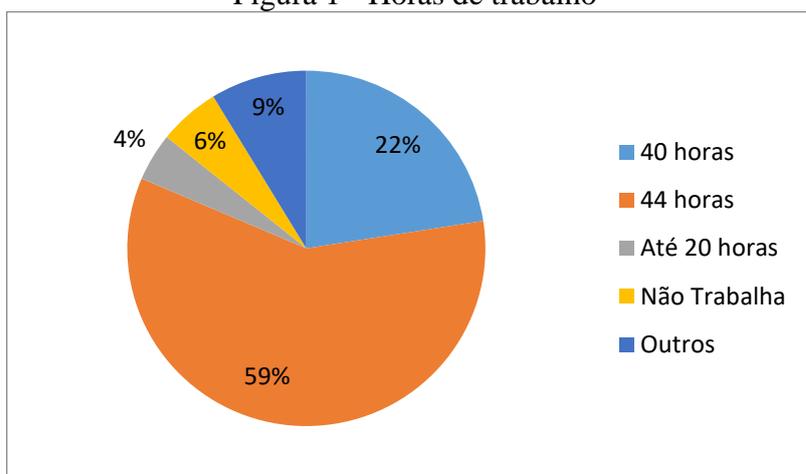
O instrumento de coleta de dados foi aplicado para 253 estudantes do Ensino Superior de uma Universidade privada localizada na Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul. Após a etapa de preparação dos dados, 16 respondentes foram excluídos desta amostra, totalizando, desta forma, 237 respondentes. No que diz respeito ao gênero dos respondentes, 57% dos entrevistados eram do gênero masculino e 43% do gênero feminino.

No que diz respeito aos Cursos dos respondentes, 80% dos entrevistados são alunos de Bacharelado em Administração, 13% cursam Ciências Contábeis, 2% Comércio Internacional e 5% outros cursos. Dentre os cursos considerados na opção “outros cursos” estão: Agronomia, Design, Economia, Processos Gerenciais, Engenharia Mecânica, Gestão Comercial e Gestão da Qualidade.

Dentre os respondentes, 59% trabalha 44 horas por semana e 22% trabalha 40 horas semanais. A percentagem de respondentes que não trabalham é de 6%, enquanto 4% trabalham até 20 horas e 9% assinalaram a alternativa “outros”. Estes resultados estão descritos na Figura 1.



Figura 1 - Horas de trabalho



Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

Quando perguntados se conheciam alguém que pratica ações voluntárias, 67% dos respondentes afirmaram conhecer alguém, enquanto 32% afirmaram não conhecer pessoas que pratiquem ações voluntárias. 1% dos respondentes não respondeu à esta pergunta.

No que diz respeito aos tipos de operações humanitárias e situações críticas que mobilizam / envolvem mais os respondentes, as catástrofes naturais foram a opção com maior número de respondentes (n=77), seguida pela opção incêndio de grandes proporções (n=35), extrema pobreza e desnutrição (n=33), ações terroristas (n=14) e guerras e conflitos (n=10). Os resultados estão descritos na Tabela 1.

Tabela 1 - Tipos de operações humanitárias ou situações críticas

Tipo de Operações humanitárias ou Situação Crítica	Nº de Respondentes
Catástrofes Naturais	77
Incêndio de Grandes Proporções	35
Extrema Pobreza e Desnutrição	33
Ações Terroristas	14
Guerras e Conflitos	10
Outros	68

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

No que diz respeito à distância física entre o respondente e o local onde ocorre uma situação crítica, 73% dos respondentes afirmaram ser um fator determinante para o desenvolvimento de ações humanitárias, enquanto 25% afirmaram não ser determinante.

Dentre os respondentes, 56% responderam que já fizeram algum tipo de doação voltada às operações humanitárias e situações críticas, enquanto 44% afirmaram não ter feito doações.

No que diz respeito às motivações para a realização da atividade voluntária, 56 dos 117 respondentes que afirmaram ter realizado algum tipo de atividade voluntária afirmaram que o motivo foi “Fazer o bem, ajudando o próximo”. Dentre as opções que aparecem em seguida, estão o estímulo religioso (n=9) e o estímulo familiar (n=8) combinados com “Fazer o bem, ajudando o próximo”; a amizade (n=6), amizade combinada com “Fazer o bem, ajudando o próximo” (n=6) e a Busca por Conhecimento combinada com “Fazer o bem, ajudando o próximo” (n=6). As respostas estão descritas na Tabela 2.



Tabela 2 - Motivações para realizar atividade voluntária

Motivações para realizar atividade voluntária	Nº de Respondentes
Fazer o bem, ajudando o próximo	56
Fazer o bem, ajudando o próximo / Estímulo Religioso	9
Fazer o bem, ajudando o próximo / Estímulo Familiar	8
Amizade	6
Amizade / Fazer o bem, ajudando o próximo	6
Busca por Conhecimento / Fazer o bem, ajudando o próximo	6
Outros	26

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da pesquisa.

4.2 VALIDAÇÃO INDIVIDUAL DOS CONSTRUTOS

A validade do construto é o grau em que um conjunto de itens medidos realmente reflete o construto latente teórico que aqueles itens devem medir (HAIR Jr. et al., 2009). Neste estudo foi realizada a validação individual dos construtos. Para a validação individual dos construtos foram observadas a (i) unidimensionalidade e a (ii) confiabilidade.

Os testes realizados foram divididos em duas fases, levando-se em consideração as peculiaridades do instrumento de pesquisa utilizado. A primeira fase, que pretendia identificar os motivos de comoção dos respondentes com relação aos desastres naturais ou motivos de força maior, incluiu 9 variáveis e um n de 237 respondentes. Já a segunda fase, que pretendia identificar os fatores de motivação para atuar em ações voluntárias de operações humanitárias ou situações críticas, incluiu 19 variáveis e um n de 107. Esta segunda fase contou com um *n* menor do que a primeira, uma vez que as perguntas eram exclusivas para os respondentes que já haviam feito algum tipo de atividade voluntária.

4.2.1 Unidimensionalidade e confiabilidade

A unidimensionalidade é definida como a existência de um construto subjacente a um conjunto de itens, logo, refere-se ao grau em que os itens representam apenas uma variável latente subjacente ou um construto (GARVER; MENTZER, 1999). Ademais, permite maior segurança entre o que está sendo mensurado e sua conformidade com os pressupostos teóricos. Ela é atingida quando as variáveis de um construto proporcionam ajuste suportável em apenas um único fator (ANDERSON; GERBING, 1988; HAIR Jr. et al., 2009).

A análise da unidimensionalidade foi verificada mediante a AFE de componentes principais, com a rotação fatorial ortogonal Varimax para cada construto, objetivando a constituição de um único fator, para a confiabilidade (Alpha de Cronbach) e a variância explicada (CUNHA; MARCHETTI; PRADO, 2004). No que tange ao teste KMO, o qual representa o grau de ajuste à análise fatorial, a regra considerada foi a de Fávero et al. (2009), que diz que valores entre |0,6| e |0,7| apontam correlação entre as variáveis.

Com relação à comunalidade de cada variável, o estudo base foi de Hair Jr. (2009). Os autores enfatizam que o pesquisador deve analisar a comunalidade de cada variável, a fim de avaliar se ela atende aos níveis de explicação aceitáveis, assim, comunalidades acima de |0,50| são bons indicadores de explicação.

No que diz respeito às cargas fatoriais, este estudo fundamentou-se no pensamento de Hair Jr. et al. (2009). Eles afirmam que as cargas fatoriais maiores que |0,30| alcançam o nível mínimo em relação à significância estatística, enquanto que cargas com valores de |0,40| são avaliadas importantes e as superiores a |0,50| são as ideais, especialmente para amostras maiores que 120 observações. Para variância explicada, o valor mínimo deve estar acima de |60%|.



Para Fávero et al. (2009), no que tange os métodos rotacionais, os autores recomendam o Varimax, o qual tem a finalidade de minimizar o número de variáveis que apresentam altas cargas em uma dimensão. Esta é uma das alternativas que busca propiciar melhor entendimento e interpretação ao pesquisador. No entendimento de Field (2009), para determinação do Alpha de Cronbach, o valor ideal para o teste deve situar-se entre $|0,7|$ e $|0,8|$

No decorrer desta pesquisa, os testes citados anteriormente foram aplicados a cada dimensão, com suas devidas variáveis. Na fase inicial dos testes, foi examinada a quantidade de fatores gerados, como também os valores correspondentes às suas comunalidades. Com base nos resultados dos testes aplicados, foi prudente refazê-los observando o alinhamento de cada dimensão com seus devidos construtos.

Logo, das 29 variáveis propostas no instrumento para coleta dos dados foi necessário o seu refinamento, resultando em 22 variáveis. Logo, a decisão tomada pela exclusão de 7 variáveis foi por não atenderem os valores mínimos, conforme apontados na literatura de Hair et al. (2009), os quais seriam valores mínimos para variância explicada, Alpha de Cronbach e KMO, bem como por não estarem agrupadas em um fator na matriz de componente rotativa.

Posteriormente, se observou em cada dimensão: a redução em apenas um fator, KMO, carga fatorial, comunalidades, variância explicada e Alpha de Cronbach. Desta forma, as variáveis excluídas durante os referidos testes, foram: na primeira fase a variável 5 e na segunda fase as variáveis 20, 21, 22, 30, 34 e 35. A partir destes resultados foi possível afirmar que a escala está em processo de ajustes, podendo ser influenciada pelo diferente perfil da amostra, pelas características pessoais dos respondentes, pelo tamanho da amostra e pelas circunstâncias atuais. Em tratar-se de um estudo piloto, nas pesquisas futuras as dimensões carecem de adequação.

Os fatores resultantes da primeira fase da pesquisa, relacionada aos tipos de situações catastróficas que causam maior comoção entre os respondentes estão descritos na Tabela 3.

Tabela 3 - Análise fatorial exploratória dos construtos

Construto	Variável Observada (V_i)	Matriz de Componente Rotativa	KMO	Variância Explicada	Alpha de Cronbach
Comoção Ambiental	V1	0,830	0,655	62,716%	0,701
	V2	0,806			
	V7	0,736			
Comoção Situacional	V3	0,800	0,838	62,579%	0,849
	V4	0,798			
	V6	0,733			
	V8	0,815			
	V9	0,806			

Fonte: Dados provenientes da pesquisa descritiva.

Já os fatores resultantes da segunda fase da pesquisa, relacionada à motivação dos respondentes para atuar em operações humanitárias e situações críticas estão descritos na Tabela 4.



Tabela 4 - Análise fatorial exploratória dos construtos

Construto	Variável Observada (V _i)	Matriz de Componente Rotativa	KMO	Variância Explicada	Alpha de Cronbach
Carreira	V23	0,879	0,784	70,374%	0,856
	V24	0,892			
	V25	0,816			
	V26	0,762			
Auto-Realização	V36	0,733	0,745	54,846%	0,718
	V37	0,760			
	V38	0,741			
	V39	0,728			
Compaixão	V31	0,757	0,663	67,738%	0,731
	V32	0,869			
	V33	0,839			
Status	V27	0,791	0,686	67,311%	0,749
	V28	0,845			
	V29	0,824			

Fonte: Dados provenientes da pesquisa descritiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi identificar a percepção dos estudantes acerca da motivação para o voluntariado em Operações Humanitárias e Situações Críticas. Para tanto, utilizou-se de um questionário aplicado a estudantes de uma Universidade privada do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil.

No que diz respeito à atuação como voluntário em operações humanitárias ou situações críticas, foi possível entender a distância entre o local de residência do voluntário e o local onde os desastres ocorrem como uma determinante nas ações voluntárias. Essa afirmação vai ao encontro dos resultados do *World Disaster Report 2015*, que traz a importância do voluntário local para a atuação nas operações humanitárias, ressaltando, ainda, que a proximidade e ligação emocional com a comunidade e a região podem ser uma motivação adicional para a atuação como voluntário (INTERNATIONAL FEDERATION OF RED CROSS AND RED CRESCENT SOCIETIES, 2016).

Já no que diz respeito ao tipo de operações humanitárias que gera maior comoção ou envolvimento entre os entrevistados, as catástrofes naturais tiveram o maior número de respostas, seguidas pelos incêndios de grandes proporções e extrema pobreza e desnutrição. Em se tratando de uma amostra totalmente composta por alunos brasileiros, percebe-se o envolvimento emocional dos respondentes com o tipo de operações humanitárias que motivou a sua resposta, pois os principais citados são catástrofes que possuem ocorrência – ordinária ou extraordinária – no país.

Ainda, em consonância com os estudos de Lafer (1989), Boezeman e Ellemers (2008), Okun e Schultz (2003), as preocupações altruístas e humanitárias com relação aos outros prevaleceram nas motivações para realizar atividade voluntária, visto que a maioria dos respondentes indicou “Fazer o bem, ajudando o próximo”, como sua principal motivação.

Com respeito aos tipos de operação que geram maior comoção entre os entrevistados, a análise fatorial permitiu a separação das variáveis em dois construtos, sendo eles: (i) a comoção ambiental e; (ii) a comoção situacional. Tais nomenclaturas foram dadas pelos autores do estudo, visto que não foram encontrados subsídios na literatura que pudessem auxiliar nessa classificação.



A comoção ambiental seria constituída pelos desastres ocorridos por força da natureza, desastres ocorridos em países estrangeiros e em território nacional. Por sua vez, a comoção situacional diz respeito aos desastres ocorridos em virtude de ação criminosa, guerra, epidemias, bem como as situações causadas por ação criminosa e com alto número de pessoas mortas ou gravemente feridas.

Já a análise fatorial relacionada à motivação dos respondentes para atuar em operações humanitárias e situações críticas, permitiu a identificação de quatro construtos relevantes, sendo eles: (i) ganhos de carreira; (ii) auto-realização ou melhoria; (iii) compaixão ou valores e; (iv) *status* ou social. Em consonância com os resultados do estudo de Clary et al. (1998), foi possível entender a existência de quatro fatores ligados à motivação para atuar como voluntários em operações humanitárias, as quais estão conectadas com: (i) experiências relativas ao desenvolvimento profissional; (ii) interesse em crescimento psicológico para aumento de auto-estima; (iii) ações relacionadas ao altruísmo e preocupações humanitárias e; (iv) fortalecimento de relações sociais.

Uma das contribuições deste estudo, de ordem teórica, está na validação do instrumento de coleta de dados, o qual foi validado tanto pelos especialistas, quanto empiricamente, uma vez que foi possível identificar as variáveis que estão relacionadas a cada um dos construtos pesquisados. Também, para melhores ajustes no instrumento e um novo refinamento, sugere-se uma nova aplicação em outros estudos empíricos. É indispensável considerar que para uma segunda aplicação desta escala alguns ajustes serão necessários.

Outra contribuição, sendo de ordem gerencial, está na melhor compreensão de quais são os fatores que levam as pessoas a colaborar em operações humanitárias e situações críticas. As informações alcançadas por esta pesquisa podem ser esclarecedores tanto para os governantes, quanto às ONG's. Com base neste estudo, percebeu-se que as pessoas querem fazer o bem ao seu próximo e o que as leva a dedicar uma parte do seu tempo aos outros é a comoção, a compaixão, a auto-realização, dentre outros fatores. Cabe destacar que o desenvolvimento e engajamento de novos voluntários é central no ambiente de operações humanitárias, visto que o recurso humano é um dos mais escassos e valiosos.

Ademais, como foi possível identificar que este tema é de caráter emergencial e crítico, para pesquisas futuras também se sugere a realização de um estudo que consiga identificar a motivação do jovem brasileiro para atuação voluntária em operações humanitárias, utilizando uma amostra superior a deste estudo e com aplicação da Modelagem de Equações Estruturais. Isso pode contribuir para o estabelecimento de novas formas de atuação no país e contribuirá academicamente. Ainda, sugere-se a realização de um estudo em locais onde a ajuda humanitária tenha sido anteriormente necessária, a fim de identificar uma possível relação entre a motivação para o voluntariado e a identidade do voluntário (PICCOLI; GODOY, 2012).

Como limitações desta investigação, pode-se citar a utilização de uma amostra considerada pequena e não probabilística, o que não permite inferências acerca dos resultados encontrados. Ademais, não houve a validação de um modelo mediante a Modelagem de Equações Estruturais. Obviamente, é indispensável o refinamento da escala para validar um modelo teórico. Ao desenvolver estudos futuros os autores também sugerem a ampliação da amostra e a utilização de respondentes de outros Estados do país, que permitam a comparação que pode derivar a partir de culturas diferentes.

REFERÊNCIAS

ALTAY, N.; GREEN III, W. G. OR/MS research in disaster operations management. *European Journal of Operational Research*, v. 175, n. December 2004, p. 475-493, 2006.



ANDERSON, J. C.; GERBING, D. W. Structural equation modeling in practice: a review and recommended two-step approach. **Psychological Bulletin**, v. 103, n. 3, p. 411-423, 1988.

BATAGLIN, L.; ALEM, D. O Problema de Localização-Distribuição no megadesastre da Região Serrana no Rio de Janeiro. **Gestão & Produção**, v. 21, n. 4, p. 865-881, 2014.

BOEZEMAN, E. J.; ELLEMERS, N. Volunteer Recruitment: The role of organizational support and anticipated respect in non-volunteers' attraction to charitable volunteer organization. **Journal of Applied Psychology**, v. 93, n. 5, p. 1013-1026, 2008.

CLARY, E. G.; SNYDER, M.; RIDGE, R. D.; COPELAND, J.; STUKAS, A. A., HAUGEN, J.; MIENE, P. Understanding and assessing the motivations of volunteers: A functional approach. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 74, n. 6, 1516-1530, 1998.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CUNHA, G. R.; PIRES, J. L. F.; PASINATO, A. **Uma discussão sobre o conceito de hazards e o caso do furacão/ciclone Catarina**. Embrapa, documentos Online, dezembro 2004. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/files/574/15430190.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

FÁVERO, L. P.; BELFIORE, P.; SILVA, F. L.; CHAN, B. L. **Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FIELD, A. **Descobrendo a estatística usando o SPSS**. 2. ed. Tradução: L. Viali. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARVER, M. S.; MENTZER, J. T. Logistics research methods: employing structural equation modeling to test for construct validity. **Journal of Business Logistics**, v. 20, n. 1, p. 33-57, 1999.

GUJARATI, D. N. **Econometria básica**. 3 ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

GÜNTERT, S.; NEUFEIND, M.; WEHNER, T. Motives for Event Volunteering: Extending the Functional Approach. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**, v. 44, n.4, p. 686-707, 2014.

HAIR Jr., J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise Multivariada de Dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

INTERNATIONAL FEDERATION OF RED CROSS AND RED CRESCENT SOCIETIES. **World Disaster Report 2015: Focus on local actors, the key to humanitarian effectiveness**. Lyon: Imprimerie Chirat, 2015.

KLINE, R. B. **Principles and practice of structural equation modeling**. The Guilford Press New York: London, 2011.

KOVÁCS, G.; SPENS, K. M. Humanitarian logistics in disaster relief operations. **International Journal of Physical Distribution & Logistics Management**, v. 37, n. 2, p.



99–114, 2007.

_____. Trends and developments in humanitarian logistics – a gap analysis. **International Journal of Physical Distribution & Logistics Management**, v. 41, n. 1, p. 32-45, 2011.

LAFER, B. Predicting performance and persistence in hospice volunteers. **Psychological Reports**, v. 65, 467-472, 1989.

MASCARENHAS, André Ofenhejm; ZAMBALDI, Felipe; VARELA, Carmen Augusta. Motivação em programas de voluntariado empresarial: um estudo de caso. **Revista Organizações em Contexto**. São Paulo, v. 9, n. 17, p.229-246, 2013.

MASKREY, A. **Los desastres no son naturales**. Colômbia: Red de Estudios Sociales en Prevención de Desastres en América Latina (LA RED), Intermediate Technology Development Group (ITDG), 1993.

MASLOW, A. H. **Motivation and personality**. New York: Harper & Brothers, 1954.

MCCLELLAND, D. Notes for a revised theory of motivation. In: MCCLELLAND, D. (org.). **Studies in motivation**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1955.

NUTTIN, J. **Théorie de la motivation humaine**: du besoin au projet d'action. Paris: PUF, 1980.

OKUN, M. A.; SCHULTZ, A. Age and motives for volunteering: Testing hypothesis derived from socioemotional selective theory. **Psychology & Aging**, v. 18, n. 2, 231-239, 2003.

PICCOLI, P.; GODOI, C. Motivação para o trabalho voluntário contínuo: uma pesquisa etnográfica em uma organização espírita. **Organizações & Sociedade**, v. 19, n. 62, p. 399-415, 2012.

RODRIGUES, A.; PAULO, E. Análise Multivariada: para os cursos de administração, ciências contábeis e economia/FIPECAFI – Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras. In: CORRAR, L. J.; PAULO, E.; DIAS FILHO, J. M. (Orgs.). **Introdução à Análise Multivariada**. São Paulo: Atlas, 2009, p. 1-72.

SAMPAIO, J. R. **Voluntários**: um estudo sobre a motivação de pessoas e a cultura em uma organização do terceiro setor. 2004. 255 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/tese_motiva%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2016.

SCHLINDER-RAINMAN, E. Motivating people to volunteer their services. In: CONNORS, T. (org). **The non-profit organization handbook**. New York: Mac Graw Hill, 1980.

SMALLMAN, C. Read all about it – risk trends in the media : a research note. **Disaster Prevention and Management: An International Journal**, v. 6, n. 3, p. 160–164, 1997.

SOUZA, L.; COSTA, H. Motivação para o voluntariado: Uma Análise de sua Evolução na Literatura. Artigo apresentado no Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 2013, Rio de



Janeiro. **Anais do IX Congresso Nacional de Excelência em Gestão**. Rio de Janeiro: AEDB, 2013. p. 1-20.

STEINER, M.T.A. **Uma metodologia para o reconhecimento de padrões multivariados com resposta dicotômica**. 1995. 158 f. Tese (Doutorado em Engenharia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995. Disponível em: <www.eps.ufsc.br/teses/steiner/capit_2/cap2_ste.htm>. Acesso em: 28 out. 2014.

VALENCIO, N. Desastres , Ordem Social e Planejamento em Defesa Civil : o contexto brasileiro Disasters , Social Order and Civil Defense Planning : the Brazilian context. **Saúde e Sociedade**, v. 19, n. 4, p. 748–762, 2010.

VAN WASSENHOVE, L. Blackett Memorial Lecture Humanitarian aid logistics : supply chain management in high gear. **Journal of the Operational Research Society**, v. 57, p. 475-489, 2006.